

A IMPORTÂNCIA DOS CONTOS DE FADAS: UMA VISÃO PSICANALÍTICA

THE IMPORTANCE OF FAIRY TALES: A PSYCHOANALYTIC VIEW

¹SANCHES. José Augusto Rodrigues; ²ELOY. Consuelo Biacchi

¹Discente do Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

²Docente do Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Este trabalho consiste em levantar algumas questões teóricas do conceito psicanalítico em relação aos mecanismos da projeção e introjeção inseridos nos contos de fadas e a importância da significância destes contos para o indivíduo, isto é, estendendo-se do período infantil para o adulto. Pode-se relacionar os contos com uma estrutura psíquica em plena formação, diretamente com o ego, traçando uma "ponte" intra-psíquica, aliviando, assim, as pressões pré-consciente e inconscientes. Os contos de fada possibilitam à infância a oportunidade de lidar com seus dilemas e, com isso, oportuniza também o contato da criança com suas próprias frustrações e desejos, o que repercute em sua vida adulta através das identificações com os personagens e os conflitos vivenciados pelos menos nos contos.

Palavras-chave: Psicanálise. Contos de Fadas. Desenvolvimento.

ABSTRACT

This work consists in raising some theoretical questions of psychoanalytic concept regarding the mechanisms of projection and introjections inserted in to fairy tales and the importance of the significance of these stories for the individual that is, extending from the childhood to the adult period. The tales can be related with a psychic structure in full training, directly with the EGO, outlining a "bridge" intra-psychic, thus relieving the pressures pre-conscious and unconscious. The fairy tales allow childhood the opportunity to deal with their dilemmas and, with this, also incites the contact of the child with their own frustrations and desires, which reverberates in his adult life through the identification with the characters and the conflicts experienced at least in the fairy tales.

Keywords: Psychoanalysis. Fairy Tales. Development.

INTRODUÇÃO

Os mitos antecedem os contos de fadas que fazem parte de uma condição humana de sabedoria, que nada mais é, que uma forma de aprendizagem sobre a cultura popular, que é repassado por meio oral, muito antes de qualquer forma existente da escrita.

Coelho (1987) data que os primeiros contos de fadas surgem por volta dos meados de 4.000 a.C, feito pelos egípcios, logo após também na Grécia, na Itália, na Palestina com o Velho Testamento, nas artes Árabes, na Pérsia e no Irã com a cultura celta contendo espiritualidade e magia, e assim espalham-se por todo o mundo. As fadas aparecem no século IX, na obra *Mabinogion*

composto por uma escrita galesa e fazem a transformação das aventuras reais originando ao chamado Ciclo Arturiano. Adiante irá surgir através dos artesões, agricultores, fiandeiras, lavadeiras, uma versão arcaica dos contos, partindo de vivências destas mesmas, das “fofocas” repassadas de uma para outra. Durante a Idade Média, segundo Radino (2003) as mulheres eram proibidas de falar em público, pois se acreditava que tal figura era dotada do poder da sedução, do encantamento, e estavam diretamente ligadas às maldições e isso as tornavam perigosas aos homens, apenas as prostitutas parteiras e as amas de leite que podiam andar livremente na sociedade. Tais mulheres eram as quais transmitiam os contos através de suas narrações as crianças.

Segundo Bettelheim (1980), surge na Europa às primeiras coleções de origem persa, como “*As Mil e Uma Noites*” Conforme Coelho (1987), por volta do século XIV o racionalismo clássico perdeu força e deu oportunidade a literatura da fantasia, das fadas, daquilo que antes era inimaginável. No início, os contos de fadas não eram para crianças e foram transformados por Perrault, na França por meados do século XVII, com Andersen no século XIX, com os irmãos Grimm no século XVIII e com Walt Disney no mais atual século XX na América.

Acredita-se que os contos de fadas tornaram-se uma leitura mais amplificada para a população através dos vendedores ambulantes que levavam de cidade em cidade em suas mercadorias de vendas, pequenos volumes dos folclores da época. Alguns contos de fadas foram escritos de forma reduzida, os quais facilitariam o entendimento e conhecimento de uma cultura empobrecida, sendo assim adaptados ao público infantil, onde houve uma grande preocupação, pois os contos não foram escritos para as crianças, contudo, buscou-se uma intenção educativa, fazendo com que cada historia terminasse com uma lição de moral.

Em uma época e uma cultura nas quais as mulheres ficavam em casa enquanto os maridos trabalhavam, elas se ocupavam em cuidar dos filhos e dos afazeres de casas, sendo assim para atrair e sossegar as crianças contava-lhes historias enquanto faziam suas obrigações. As historias traziam em seu contexto certa moralidade, no qual é repassada para os que as escutam. Perrault, um dos principais escritores de historias infantis, escreveu

os clássicos: A Bela Adormecida, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, O Pequeno Polegar, entre outras tantas. (COSTA e BAGANHA, 1989).

Os irmãos Grimm escreveram as histórias como: Pele de Urso, A Bela e a Fera, uma nova versão mais adaptada de A Gata Borralheira e João e Maria; outro autor de contos de fadas conhecido como Hans Christian Andersen, considerado “o príncipe da infância”, trazia em suas histórias a sua própria marca, ou seja, aspectos de sua própria infância, do seu contexto social.

“Assim como Perrault e Grim, Andersen resgatou a cultura popular. Mas há diferença na sua forma de transmitir as histórias. Perrault e Grimm registraram e transmitiram tradições do povo, com adaptações conformes valores da época. Andersen, por sua vez, viveu na pele os problemas do povo e não só registrou suas narrativas, mas serviu de protagonista. Mas que registro, Andersen sentiu e interpretou seus contos.” (CARVALHO, 1984).

Por fim temos o produtor cineasta mais conhecido por produzir os contos de fadas e muitas outras histórias de diversos gêneros e contextos, Walt Disney, conhecido por fazer releituras das obras. Lançou para o mercado do cinema sua primeira produção dos clássicos, como Branca de Neve e os Sete Anões. Logo após lançou A Gata Borralheira, baseando-se na primeira literatura, mas também modificando seu conteúdo, transformando-a em Cinderela. Este conto apresenta como protagonista uma jovem moça realmente humana, que foi transfigurada pra a animação, obtendo sucesso pleno e lançando seu nome no mundo cinematográfico, criando até mesmo o seu próprio “mundo da magia” em Orlando na Florida. As histórias de Walt Disney, eram uma poderosa aliada midiática facilmente compreensível, em relação ao capitalismo e classes sociais americanas. (COSTA e BAGANHA, 1989).

Segundo Bettelheim (1980), os acontecimentos e personagens presentes nestes contos de fadas, indicam de certa maneira, indireta ou diretamente ao sujeito, uma possível resolução de conflitos internos, e passos diferentes em busca de uma humanidade mais superior e elevada. Os pais buscando ser o melhor para os filhos acabam apresentando apenas o lado bom dos contos de fadas, acreditando assim que sua “realidade consciente” esteja de certo modo “controlada”. Tal modificação já se encontra presente nos contos de fadas atuais, isto é, a versão modificada de Cinderela, Branca de Neve, Rapunzel,

João e o Pé de Feijão, Aladim, Alice no País das Maravilhas, e etc., os quais negam os conflitos internos e impulsos primitivos que possibilitariam as emoções violentas. Os contos remetem diretamente ao foco do dilema, a necessidade de ser amado, o medo de perder-se, as angustias de uma personalidade em formação, as ambivalências de sentimentos, apresentando assim as resoluções de tais dilemas de um ponto de vista, que a criança consiga enxergá-lo.

Os contos de fadas além de possibilitar um conforto psíquico para a criança estão correlacionados diretamente com sua personalidade. Ao ter acesso a estes contos, a criança irá fazer uma identificação com o enredo narrado, criando assim uma ponte entre a realidade e a fantasia, interligada diretamente com suas vivências, causando-lhe uma marca maior de subjetividade e dando-lhe mais autoconfiança, ressaltando suas qualidades atuais e de um futuro próximo.

Bettelheim (1980) diz também que a criança irá ver o mesmo conto de fadas de inúmeras maneiras possíveis e, dependendo do momento em que se encontra, irá retirar do conto suas melhores maneiras para elaborar e amenizar um conflito vivenciado exteriormente. Desta forma a criança a partir do conto, retirará, experimentará possivelmente suas primeiras impressões sobre o mundo. No conto de fadas, no que se relacionam aos processos psíquicos, estes são colocados para “fora”, ou seja, exteriorizados, e se tornam do âmbito do “compreensível/aceitável” para a criança, sendo estes, representados pelos personagens do enredo narrado. Assim, o autor salienta como o herói na história descobre um modo de sair das tramas oferecidas pela vida, o sujeito irá também encontrar um caminho para a auto-descoberta e métodos de vencer tribulações através da esperança.

A importância dos contos de fadas expande-se para muito além do que apenas ensinar a criança como se portar “neste mundo”. Segundo Costa e Barganha (1989), a criança não pertence psicologicamente ao mundo dos adultos, ela constitui seu mundo baseado na sua subjetividade, ou seja, ainda esta se desconstituindo de seu momento simbiótico, onde não há diferenciação dela e do mundo ao seu redor, BETTELHEIM (1980) esclarece que a criança irá fazer parte eventualmente deste mundo adulto quando reconhecer que este

mundo não está ligado diretamente a ela, e vice e versa, isto é, exatamente neste “choque” de realidade que esta criança irá elaborar e reconhecer seus próprios “poderes e limitações”.

“Os contos de fadas podem parecer sem sentido, fantástico, assustadores e totalmente inacreditáveis para o adulto que foi privado da fantasia da história de fadas em sua própria infância, ou que reprimiu essas lembranças. Um adulto que não alcançou uma integração satisfatória dos dois mundos, o da realidade e da imaginação, fica desconcertado com esses contos. Mas um adulto que é capaz de integrar em sua própria vida a ordem racional com a ilogicidade de seu inconsciente responderá à maneira pela qual o conto de fadas auxilia a criança nessa integração.” (BETTELHEIM, 1980, p, 97).

Os contos de fadas, segundo Bettelheim, funcionam como um combustível que impulsionará e dará força ao desenvolvimento intelectual e da aprendizagem (simbolização), da criança ligada diretamente ao misto de fantasia e realidade, uma verdadeira ambivalência de pensamentos e desejos, ou seja, os contos oferecem conteúdos fantasiosos que a remetem sob forma simbólica para a criança, uma batalha para atingir seu final feliz, como a auto realização.

Bettelheim (1980) cita que a parte intelectual de uma criança está ligada diretamente ao surgimento dos mitos, da religião, ou seja, dos contos de fadas propriamente dito, que serviram através da história de impulso para o progresso como grande fonte de estímulo para sua imaginação e fantasia, servindo como forma e métodos de se socializar no decorrer do tempo.

Segundo Bettelheim (1980), apesar das crianças viverem no mundo dos adultos, sua fantasia permite com que ela sinta e veja as coisas de forma diferente, apropriada a si, a seus problemas e vivências do cotidiano; ao deparar-se com os limites impostos pela sociedade, ou seja, pelas regras, é para a criança reconhecer a si mesmo, e a seus limites, podendo assim se constituir dentro de sua subjetividade, inserindo-se neste mundo dos adultos para futuramente tornar-se único. Os contos de fadas têm como um dos propósitos confrontar a realidade em si, mas apesar da identificação com o conto, a criança não necessariamente vivencia a “realidade” concreta relatada nos contos, vê-se então o significado simbólico e moral que nele está embutido.

O “Era Uma Vez” relata a criança uma postura de localização, isto é, de tempo, mostrando assim que o conto ali apresentado está localizado em um passado distante ao dela, e não estão presentes na realidade do consiente. O conto de fadas permite que utilizemos da fantasia como meio simbólico para elaborarmos nossos conflitos; sendo assim, viajando através dos contos para nossos desejos representados pela fantasia internalizada nestas histórias, contudo conseguimos elaborar e externalizar tais conteúdos e transformá-los em aprendizagem e assim como o herói, e trazer tudo isso para a realidade.

“O conto de fadas sugere não só isolar e separar os aspectos díspares e confusos de sua experiência em pólos opostos, mas também projetá-los em diferentes personagens. Até mesmo Freud não encontrou melhor maneira de ajudar a dar sentido a incrível mistura de contradições que coexistem em nossa mente e vida interior do que criar símbolos para aspectos isolados da personalidade, Chamou-os de id, ego e superego.” (BETTHEIM, 1980, p.109).

Conforme as crianças internalizam os contos, passam a visualizar a si mesmas tomando os papéis dos personagens, uma busca pela realização do desejo que foi fantasiado por ela mesma durante a constituição de sua psique. Tais escolhas não têm base necessariamente no certo ou errado, mas sim, o personagem que despertará na criança a identificação mais próxima de seus problemas internos momentâneos, e de si mesma com uma parcial de sua totalidade como sujeito, guiado por sua simpatia ou antipatia.

“Os contos de fadas oferecem personagens nas quais ela pode exteriorizar sob formas controláveis aquilo que se passa em sua mente. Os contos de fadas mostram à criança de que modo ela pode corporificar seus desejos destrutivos numa personagem, obter de outras satisfações almeçadas, identificarem-se com uma terceira, ter ligações ideais com uma quarta, e daí por diante, segundo requeiram as suas necessidades do momento” (BETTHEIM, 1980, p.95).

METODOLOGIA

O material utilizado foi bibliográfico, desde livros a artigos, sendo realizado entre eles um diálogo com a finalidade de usar uma mesma linguagem, procurando refletir as questões levantadas neste trabalho sobre os aspectos projetivos do sujeito, as identificações com os personagens, o desenvolvimento psíquico e o conteúdo psicanalítico existente nos contos de fadas. Todos os autores partem do pressuposto psicanalítico baseado em

Sigmund Freud, desde Bruno Bettelheim (1980), Coelho (1987), Corso (2011), Costa (1989), Radino (2003) entre outros, abordam e dominam tal tema, sobre os contos de fadas, proporcionando a base deste trabalho.

CONCLUSÃO

Pelos expostos podem-se estabelecer os aspectos que ligam a construção psíquica infantil com os contos de fadas levando questões teóricas do conceito psicanalítico e a importância que a criança estabelece em sua vida com os contos de fadas. Pode-se relacionar os contos com uma estrutura psíquica em plena formação, sendo tal estruturação psíquica fundamental para que, a criança entre em contato com suas próprias frustrações e desejos, o que repercute em sua vida adulta através das identificações com os personagens e os conflitos vivenciados pelo mesmo nos contos.

Segundo Bettelheim (1980), apesar das crianças viverem no mundo dos adultos, sua fantasia permite com que ela sinta e veja as coisas de forma diferente, apropriada a si, a seus problemas e vivências do cotidiano; ao deparar-se com os limites impostos pela sociedade, ou seja, pelas regras, é para criança reconhecer a si mesmo, e a seus limites, podendo assim se constituir dentro de sua subjetividade, inserindo-se neste mundo dos adultos para futuramente tornar-se um. Um dos propósitos dos contos de fadas é confrontar a realidade em si, mas apesar da identificação com o conto, a criança não necessariamente vivencia a “realidade” concreta relatada nos contos, vê-se então o significado simbólico e moral que nele está embutido.

Bettelheim (1980) esclarece que a criança irá fazer parte eventualmente deste mundo adulto quando reconhecer que este mundo não está ligado diretamente a ela, e vice e versa, isto é, exatamente neste “choque” de realidade que esta criança irá elaborar e reconhecer seus próprios “poderes e limitações”. Conforme as crianças internalizam os contos, passam a visualizar a si mesmas tomando os papéis dos personagens, uma busca pela realização do desejo que foi fantasiado por ela mesma durante a constituição de sua psique. Tais escolhas não tem base necessariamente no certo ou errado, mas sim, o personagem que despertará na criança a identificação mais próxima de

seus problemas internos momentâneos, e de si mesma com uma parcial de sua totalidade como sujeito, guiado por sua simpatia ou antipatia.

REFERÊNCIAS

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra,1980.

CARVALHO, B.V. **A Literatura Infantil**.Visão Histórica e Crítica.3ªed.São Paulo:Global,314 p.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**.São Paulo:Ática,1987

CORSO, Diana L. e Mário. **A Psicanálise na terra do nunca**: um ensaio sobre a fantasia.Porto Alegre:Penso,2011.

CORSO, Diana L. e Mário. **Fadas no Divã**: a psicanálise nas histórias infantis.Porto Alegre: Artmed, 2006.

COSTA,Isabel Alves; BAGANHA, Filipa. **Lutar Para Dar Um Sentido à Vida**: Os contos de fadas na educação de infância .Portugal: Edições Asa,1989.

MENDES, Marisa B.T. **Em busca dos contos perdidos**: O significado das funções femininas nos contos de Perrault. São Paulo: Editora Unesp, 2000

RADINO,Glória. **Contos de fadas e a realidade psíquica**: A importância da fantasia no desenvolvimento. Assis: Casa do Psicólogo, 2003.